

Mapeamento Mundial de Traduções do Poema “The Raven” de Edgar Allan Poe: um Estudo Preliminar (1853-2017)

Helciclever Barros da Silva Vitoriano¹

André Luís Gomes²

Sidelmar Alves da Silva Kunz³

Resumo: o objetivo deste artigo é contribuir para uma atualização de longa tradição que vem catalogando e contrastando as traduções do poema mais importante de Edgar Allan Poe, “The Raven”. O presente estudo localizou uma quantidade colossal de textos poéticos, produtos de exercícios de tradução do poema de Poe. A conclusão mais importante desse estudo é que muito provavelmente “The Raven” de Edgar Allan Poe é de fato o texto poético mais traduzido do mundo, contando com centenas de traduções ao redor do mundo.

Palavras-chave: “The Raven”; Tradução; Mapeamento.

Abstract: the aim of this article is to contribute to a long tradition update that has been cataloging and contrasting the translations of Edgar Allan Poe's most important poem, “The Raven”. The present study located a colossal quantity of poetic texts, products of exercises of translation of the poem of Poe. The most important conclusion of this study is that Edgar Allan Poe's “The Raven” is in fact the most translated poetic text in the world, with hundreds translations around the world.

Keywords: “The Raven”; Translation; Mapping.

INTRODUÇÃO

A poesia de Edgar Allan Poe é pequena em volume e grande em ressonância mundial e qualidade literária. Nosso intuito em dar continuidade a vários trabalhos investigativos pretéritos de quilate inquestionável nos

¹ Doutorando e Mestre em Literatura e Práticas Sociais (UnB). Pesquisador do Inep. Membro do Grupo de Pesquisa em Dramaturgia e Cinema, da UNESP (Araraquara) e do Grupo de Pesquisa LIAME - Literatura, Artes e Mídias, da Universidade de Brasília. Este trabalho dialoga profundamente com a minha tese de doutoramento em fase final de escrita sobre a influência decisiva do poema “The Raven” para o desenvolvimento das artes midiáticas e os intercâmbios formais e estéticos promovidos no diálogo intermediário, especialmente na linguagem cinematográfica. E-mail: helciclever@gmail.com.

² Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor Adjunto da Universidade de Brasília (UnB). Membro dos Grupos de Pesquisas em Dramaturgia e Cinema, da UNESP (Araraquara) e Coordenador do Grupo de Pesquisa LIAME - Literatura, Artes e Mídias, da Universidade de Brasília. E-mail: andrelg.unb@gmail.com.

³ Doutorando em Educação e Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador do INEP. Membro dos seguintes Grupos de Pesquisa: Nepet/UnB; Gepat/UnB; Nepie/UFG; Financiamento da Educação Básica/UCB E-mail: sidel.gea@gmail.com.

pareceu inicialmente desnecessário, visto que Poe já foi muitíssimo investigado em todas as partes do globo terrestre. Contudo, a dinâmica de produções críticas e textos traduzidos se mostra muito complexa e extremamente rápida, o que justifica a constante atualização das indicações de referências de traduções, principalmente em se tratando de autor tão venerado pela crítica e pelos leitores. Nesse sentido, o principal ingrediente para avançar no debate é coragem, acrescido de vigilância e rigor metodológicos e, ao mesmo tempo, paixão pela obra do autor e pela pesquisa. Igualmente esses elementos são acionados pelo próprio exemplo de Edgar Allan Poe.

Nesse sentido, o objetivo precípua desse estudo é registrar um fenomenal volume empírico de traduções do poema “The Raven” (1845), visto ser este um texto fundamental para a atual discussão entre artes e meios, assim como para a discussão sobre tradição e tradução literárias. Nesse esforço, procuramos realizar um trabalho de pesquisa sutil e ousado, reunindo e consolidando informações e referências, em caráter preliminar, e circunscrito ao período de 1853 a 2017, sobre as aludidas traduções desse poema que foram realizadas nos últimos três séculos (XIX e XX e XXI) em diversos países. Objetiva-se também comentar breve e criticamente acerca desse riquíssimo e notável material poético produzido em várias línguas e em diferentes contextos.

O nosso estudo, singrando mares navegados por outros pesquisadores, chegou a um oceano de traduções. Procuramos assim, demonstrar empiricamente algo que intuitivamente, muitos estudiosos já desconfiavam e teorizavam, ou seja, **“The Raven” é o poema mais traduzido do mundo, o que ocorrera em um espaço temporal de apenas 172 anos.**

A conjugação de vários fatores parece explicar esse fenômeno tradutório envolvendo esse poema e que vão além das qualidades intrínsecas dele. Entre estes fatores, destacam-se: a condensação de várias tradições e estéticas poéticas no interior desse texto poético e a síntese que este representa de toda a produção do autor e de seus postulados de teoria da arte, além da biografia de Poe, a “autopublicidade”, operada por via do ensaio *The Philosophy of Composition* (1846), assim como a preponderância gradativa da língua inglesa (dos EUA) como língua culturalmente hegemônica a partir dos séculos XVIII-XIX, o papel de Baudelaire, Mallarmé e outros poetas, influenciados por estes, em todo o mundo e que aderiram aos fundamentos norteadores da estética de Poe.

A tese poética desse poeta americano, segundo a qual o que ele objetivou criar em “The Raven” expressaria uma tradição ligada ao tema mais poético de todos os tempos, parece confirmar-se nesse volumoso e caudaloso número de traduções que o seu corvo recebeu, aquecendo-se e reaquecendo-se nesse enorme “ninho de traduções” que apresentaremos neste nosso breve ensaio.

A estratégia de Poe para compor seu corvo foi mesclar uma noção romântica de texto poético, associada incrivelmente a uma atualização do discurso poético aristotélico. Poe realizou uma equilibrada e nietzscheana (*avant la lettre*) fusão da arte, contemplando os seus dois flancos: o apolíneo e o dionisiaco, isto é, Poe utilizou procedimento criativo universalizante, racionalizante e formalmente harmônico, todos esses de vertente apolínea em paralelo à temática, atmosfera e tom do poema, todos de ordem dionisiaca, entre os quais a noite prepondera como metáfora e símbolo magnos de sua tessitura poética.

Como veremos, trata-se, de fato, de um texto poético com inúmeras facetas e qualidades, o que se desdobrou em centenas de traduções e retraduições ao longo da história literária. O que fizemos nesse texto não é novo na intenção, mas nos parece ser inédito no alcance de textos e tradutores reunidos em um só estudo, alguns dos quais são pouco conhecidos ou sequer citados em estudos comparados de tradução. Apresentaremos também essa longa linhagem de tradutores em forma de quadro sintético para consulta mais direta.

Assim, levantar o universo de traduções que ora apresentamos se trata de uma missão nada trivial e muitíssimo árdua, mas que tem como intuito prestar dupla homenagem: primeiramente a Poe e, posteriormente, a seus muitos e muitos tradutores, uma legião de críticos literários, tradutores, poetas, romancistas, obstinada por integrar o poema americano em seus sistemas literários.

Também ressaltamos os trabalhos anteriores de pesquisadores que buscaram compilar as traduções, trabalhos estes que fazemos menção ao longo deste trabalho, por terem sido fundamentais à organização das traduções que ora oferecemos⁴.

⁴ Buscamos trabalhar nas “fissuras” inevitavelmente deixadas por estes estudos, completando esse variado mosaico de tradutores e traduções do poema. Seguramente, outros precisarão preencher as lacunas que estamos deixando também, mas poderão realizar tal tarefa com base em material aqui reunido.

Além dessa intenção laudatória de alto valor pessoal e de reconhecimento da tradição de “The Raven” para a ótica de estudos de historiografia tradutória, buscamos também subsidiar futuros estudos comparativos de várias ordens, oportunizando, em uma visada mais direta, maior acessibilidade do conjunto ou manancial de traduções do poema e de suas referências aos pesquisadores e demais interessados que almejem lançar novos olhares e perspectivas de estudos entre esses textos ou que os levem em consideração.

1. Desenho metodológico e hipótese de trabalho

Em demonstração cabal do fenômeno de tradução que passou a ser “The Raven”, apresentamos nesta pesquisa um resgate preliminar das fontes bibliográficas e catalográficas dessa fortuna de traduções que se operou com base em “The Raven”.

Este mapeamento que nomeamos de “mundial” pretendeu ser o mais amplo e fidedigno possível, com vistas a alcançar a totalidade das traduções até o ano de 2017, entretanto, sabemos ser esse um esforço que não se esgota em face das contínuas aparições de experiências tradutórias com base no poema [*mater*] dos simbolistas, dos românticos e dos modernistas, além das dificuldades específicas de acesso a tantas fontes e línguas várias. Essa incursão levou-nos a contatos e contágios inesperados com línguas até então inauditas para nós.

Para tanto, procuramos nos apoiar, quando possível, em informações e referências em língua inglesa, francesa e espanhola não exatamente para confirmar os dados, mas para processar e articular esses dados de tradução levantados. Às vezes, a simples confirmação de grafia de nome do tradutor ou nacionalidade provou ser um grande desafio, tornando ainda mais doce o mel do aprendizado.

Entretanto, não fugimos de um necessário, doloroso e ao mesmo tempo prazeroso, contato imediato com as línguas dos tradutores em face de lacunas de informações presentes nas referidas bibliografias hegemônicas que versavam ou mencionavam as traduções do poema, e que, por vezes conflitavam.

Não foi, portanto, apenas um exercício de compilação de referências de tradução, algo que já seria muito relevante a nosso ver, mas se configurou em

um trabalho suplementar e extenuante e que se alia ao grande esforço que outros pesquisadores fizeram acerca de investigação de autorias, datas de publicação e provas dessas referências.

De igual modo, percebemos visceralmente a necessidade premente da preservação nas referências bibliográficas da autoria e da data de publicação das traduções. Nas línguas faladas em países diferentes, o país de origem do tradutor também é informação importante, posto que, com o decurso do tempo, essa ausência de nacionalidade do tradutor pode causar problemas. O caso de traduções em língua espanhola, por exemplo, esse aspecto é bastante relevante. Veja-se, por exemplo, o tradutor José Ramón Ballesteros que em determinadas fontes é tido por peruano, ao passo em que em outros estudos, é considerado argentino. Adiciona-se a esse problema a possibilidade não muito rara de tradutores latino-americanos publicarem suas obras em editoras espanholas ou em editoras de países da América Latina que não são a sua terra natal. Não foi somente em um ou dois momentos que nos deparamos com traduções sem estas informações cruciais, parcial ou totalmente relegadas ao esquecimento ou à imprecisão, inclusive em traduções recentes. Buscamos superar esses obstáculos, confirmando em fontes, preferencialmente bibliográficas, as datas e autorias das traduções com base em estudos de cotejo em referências diversas, privilegiando o contido nos bancos de dados de bibliotecas nacionais e repositórios, conforme detalharemos neste texto na medida do necessário.

O simples acesso a traduções do poema, mesmo sem conhecer as línguas, já nos oportuniza muito conhecimento, como, por exemplo, saber que Poe foi o primeiro escritor americano moderno a ingressar no sistema literário vietnamita, por meio de uma tradução de 1936. Outras muitas traduções do poema feitas em países asiáticos, tais como Japão, Coreia e China parecem sugerir de fato que, no Oriente, Poe é um dos escritores ocidentais mais idolatrados e estudados, e seu poema tem contribuído para o estabelecimento de uma cultura midiática e artística [*neogótica*] nessa heterogênea e diversa região do mundo.

Nessa dinâmica, temos observado também que há diversos estudos críticos ao redor do planeta buscando radiografar as traduções da obra de Poe, contudo, salvo algumas publicações de alcance mais ampliado, inclusive em face de questões ligadas à hegemonia simbólica e cultural de algumas línguas ocidentais, que ditam em suas publicações a visibilidade de produções

críticas, normalmente o pesquisador encontra dificuldades para acessar traduções de determinados textos literários, ou relativamente ao conjunto dessas traduções em específico. O poema de Poe é um desses exemplos, mas foi algo que pôde ser superado pela variedade de fontes existentes sobre as aludidas traduções.

Do mesmo modo, na Rússia, o poema de Poe foi e ainda é idolatrado por romancistas, contistas, poetas, críticos literários, filósofos, cineastas, assim como por leitores em geral. Essa atração também é bem indicativa da superação de vieses ideológicos antagônicos quando o assunto é Edgar Poe e sua produção poética, narrativa e crítica.

É nesse sentido, que normalmente não temos notícias sobre traduções feitas no Vietnã, como já ressaltamos. Isso tem em parte ligação com a ideia atual de internacionalização da pesquisa científica, que ecoa uma tese majoritária segundo a qual a pesquisa é internacional se estiver redigida em inglês, de modo que todo o resto produzido nas demais línguas é material de interesse regional ou local. O inglês como língua de acesso internacional da pesquisa científica não é sinônimo de pesquisa científica de interesse internacional, ou mesmo a qualidade da pesquisa não pode estar atrelada a língua de sua disseminação como fato *a priori*. A tradição de traduzir Poe pelo mundo mostra exatamente o contrário, internacional é o que está em todos os rincões do planeta, e Poe e “The Raven” são criador e criatura plenamente internacionais, pois todos queriam experimentar em suas línguas maternas o ritmo, a sonoridade e atmosfera, enfim, a beleza evocada no e pelo poema de Poe.

Outro aspecto que nos chamou bastante atenção é a enorme quantidade de traduções potencialmente enquadradas em domínio público, especialmente nas línguas eslavas, no espanhol e no português brasileiro, língua esta última que curiosamente traduziu ou recriou poeticamente muito mais esse texto do que o que se verificou em Portugal, por exemplo. Também foi interessante reavivar traduções acantonadas por outras mais célebres (canônicas). O caso das traduções francesas é particularmente relevante nessa discussão, pois Baudelaire e Mallarmé fizeram os demais tradutores franceses caírem em profundo esquecimento, e, sem conhecer as traduções, resta pouco espaço para a renovação crítica.

Como nosso objetivo não era categorizar por questões estéticas, trouxemos à tona todas as traduções localizadas, indistintamente. Para tal, há

que se reconhecer a relevância de ferramentas de pesquisa e acervos digitais, ferramentas de tradução digital, sem os quais não seria possível alcançar o resultado que ora apresentamos. Assim, foram várias as estratégias de localização de traduções nas mais variadas línguas, algumas delas entendidas como ferramentas de aproximação inicial com os textos e referências investigadas que podem ser divididos em instrumentos de sondagem e confirmações, tais como os repositórios digitais de livros, artigos e demais textos críticos ou literários e referências catalográficas, teses e dissertações acadêmicas nas várias línguas, os catálogos *online* de Bibliotecas Nacionais, bem como sites de vendas de livros propiciaram os meios mínimos necessários para esse mapeamento, tendo como foco a localização da primeira à última tradução de cada país, mesmo reconhecendo ser essa uma tarefa sempre inconclusa.

Ressalta-se que foi necessário conjugar todas as ferramentas e bases de dados para efetuar confirmações importantes a fim de oferecer um quadro o mais transparente e honesto possível das traduções. Igualmente não desconsideramos traduções publicadas por tradutores “amadores” feitas em *blogs* ou outros sites da internet, visto que cabe ao exercício crítico posterior avaliar as qualidades poéticas e estéticas dessas traduções, algo somente possível a partir do conhecimento da existência de tais traduções.

Nesse sentido, vale lembrar que Poe somente transpôs os muros do relativo provincianismo estético dos EUA do século XIX, rumo à glória e a veneração perante os poetas românticos, realistas, simbolistas, modernistas (especialmente os surrealistas) e toda a plêiade de contistas e romancistas posteriores a partir do momento em que Baudelaire e Mallarmé traduziram seu poema maior, o demonstra o poder disseminador do ofício do tradutor, mesmo que haja questionamentos sobre a qualidade da tradução, algo que nem mesmo Baudelaire pôde ficar imune. Também utilizamos para conceber esse levantamento mundial de tradutores de “*The Raven*” os extraordinários trabalhos organizados por Margarida Vale de Gato e Emron Esplin (2014), assim como as pesquisas de natureza semelhante organizadas por Lois Vines (2002), o que muito nos orientou para compor o painel inicial de tradutores de “*The Raven*”.

A despeito do amplo e consistente espectro de levantamentos e análises que esses estudos apontam e concluem sobre as referidas traduções, inclusive em mútua complementação, foi necessário avançar ainda mais nas buscas por

traduções de “The Raven” com base em outras fontes de pesquisa, especialmente para cobrir as traduções mais recentes e outras mais, que apenas são aludidas nos referidos estudos. No caso da Grécia, por exemplo, como veremos no exposto ao longo deste quadro, foi muito importante para destacar a produção tradutória mais recente de “The Raven” feita pelos áticos, assim como outros países não investigados pelos citados estudos quanto ao poema “The Raven”, visto que nossa intenção era abranger o máximo de tradutores desse poema.

As pesquisas supracitadas organizadas por Gato e Esplin (2014) e Vines (2002) tem também baixíssima circulação nos estudos brasileiros, o que também configura lacuna que apenas a menção a estes trabalhos entre nós já nos ajuda a formular novos caminhos de investigação. Outra experiência extremamente interessante de tradução do poema deu-se na Romênia, terra da Transilvânia, não poderia deixar de bem recepcionar “The Raven”, e o fez em abundância tanto em prosa (sob a forte influência do *Le Corbeau* de Baudelaire e de Mallarmé) quanto em versos.

O panorama que ora apresentamos almeja complementar e enriquecer as pesquisas sobre o impacto de “The Raven” nas várias literaturas e seus sistemas literários em que este texto e seu autor se espraíram, além de oferecer um novo horizonte para estudos de tradução poética em perspectiva comparada, especialmente entre línguas normalmente não muito próximas nestes campos de pesquisa. Poe e seu poema são o elo entre elas.

Vale ainda destacar que boa parte dessas traduções do poema não é conhecida, ou apropriadamente estudada e criticada em perspectiva comparada no Brasil, ou mesmo no restante do mundo, o que por si só, já justificaria a necessidade de tal empreendimento investigativo.

No que respeita às traduções brasileiras, Elson Fróes dedicou-se a um interessante exame ao coligar as traduções de “The Raven” para a língua portuguesa em seu sítio da internet, resultando em um repositório bastante rico dessas traduções. Fica o registro de agradecimento a Fróes, pois foi com base na experiência e exemplo do trabalho dele que ambicionamos alargar o inventário de traduções do poema para uma escala mundial que, reiteramos, sempre precisará de revisões e ampliações. Esperamos que nosso esforço seja complementado ou retificado no que for necessário pelos seguidores e críticos que no mundo todo seguem a sombra vivíssima de Poe e seu corvo. Desse modo, chegamos a este estudo prévio, calcado em diversas outras pesquisas e

indicações bibliográficas, na cifra incrível de ao menos **700 traduções**⁵ do poema “The Raven”, distribuídas **em pelo menos 51 línguas e em pelo menos 66 países**, de forma que ainda não conseguimos avançar para outras regiões e continentes, como, por exemplo, para África (com especial interesse para nós nas traduções nos países africanos lusófonos e francófonos), Oceania e Ásia, pois esta última foi apenas parcialmente coberta por nós, além de se fazer necessário buscar outras fontes em países específicos de todas as regiões do planeta.

É por tudo isso que para relembrar a glória desse poema, realmente e com toda a justeza da palavra, **universal**, e em memória de Poe e dos tradutores de “The Raven”, os leitores poderão ler e sentir as traduções em domínio público⁶, assim como o texto-fonte.

Pedimos apenas desculpas aos tradutores que por ora não conseguimos localizar, em razão de nossas limitações de pesquisadores, inclusive as linguísticas. Certamente o conjunto das referências de tradução de “The Raven” constitui-se em um verdadeiro panteão de tradução poética. As informações colhidas parecem demonstrar que estamos diante não apenas do poema mais conhecido do mundo, conforme John Henry Ingram (1885) assevera: “EDGAR POE'S Raven may safely be termed the most popular lyrical poem in the world.” (INGRAM, 1885, p. VII), mas também, para tanto e em conexão a este fato, salvo provas robustas em contrário, parece ser realmente o texto poético mais traduzido de todos os tempos.

Tal hipótese já fora advogada no estudo realizado por Barreiros (2005) em ensaio sobre as traduções em língua portuguesa. Esse estudo levantou naquele momento cerca de **120 traduções**, o que já fora o suficiente para Barreiros (2005) lançar tal assertiva, que acreditamos agora confirmar. Presentemente nosso levantamento alcançou a incrível cifra, excluindo transcrições mais “radicais” e cotraduções, (para efeito de contagem, a referência é o texto traduzido e não a quantidade de tradutores, embora ainda assim possa haver oscilações em razão da variedade de disposições nas referências bibliográficas e catalográficas), de, reiteramos, **700 traduções** de

⁵ Desse astronômico total estão excluídas várias transposições mais “radicais” que poderiam, a depender o critério e do campo conceitual dos estudos de tradução em jogo, integrarem a lista de traduções; também foram isolados outros indícios de traduções, pois preferimos mantê-los em separado para maiores confirmações. Seguramente esse quantitativo de traduções é apenas uma parcela que precisará ser revisitada e ampliada.

⁶Cf. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B8_juv6houVqTm8zVzNaVHJHT1U/view?usp=sharing. Acesso em: 29 out. 2017. Ou no repositório Institucional da Universidade de Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/25199>. Acesso em: 20 nov. 2011.

“The Raven”, havendo potencialmente muitas outras ainda a serem somadas nesse universo fantástico de traduções, releituras e transposições e recriações intersemióticas e intermediáticas do poema de Poe.

2. Breve análise dos achados sobre as traduções

De fato, nosso estudo parece realmente confirmar a hipótese de Barreiros, pois, segundo ele: “Os números destinam-se apenas a ilustrar a abundância de traduções existentes, que tornam “The Raven” (comparando os seus escassos 160 anos de idade com os vários milênios das epopeias homéricas ou mesmo o *Cântico* de Salomão), **o poema mais traduzido do mundo.**” (BARREIROS, 2005, p. 141, grifos nossos).

Cumpramos anotar que algumas fontes nos indicaram a existência de determinadas traduções, mas em caso de dúvida, optamos por mantê-las em quadro separado para maiores esclarecimentos e confirmações.

Por fim, associa-se a este panorama singular envolto ao poema de Poe, uma série de adaptações e transposições entre os gêneros textuais, paródias e recriações poéticas, parcialmente levantadas por nós. A rigor, o número de traduções que indicamos neste estudo pode variar para mais ou para menos a depender do entendimento conceitual e do limite do que vem a ser um texto traduzido, adaptado, transposto, transmudado, retraduzido etc.

O ponto é que o texto de Poe é um só. Todas as demais traduções intencionalmente mais “literais” ou não são outros textos em diálogo com o de partida de Poe. A tradução permanecerá sempre nesse jogo dialético de aproximação e afastamento em relação à fonte. Nosso objetivo não foi discutir neste nosso estudo de prospecção, portanto, de ordem introdutória, eventuais níveis de fidelidade presentes nas traduções levantadas, algo que inclusive somos contrários do ponto de vista teórico e crítico.

Talvez esse olhar mais plural e inclusivo tenha ajudado a recuperar textos que estão sendo desprezados há séculos pela crítica literária e tradutória. Um exemplo claro disso é o quadro tradutório francês; embora haja várias traduções realizadas no passado e no presente, a de Baudelaire e a de Mallarmé continuam excluindo a possibilidade de haver outras boas traduções em razão do peso simbólico do cânone pontificado pelos referidos poetas franceses. Não é possível julgar o que não se conhece. Em terras brasileiras, também é perceptível uma resistência em se avaliar criticamente apenas

algumas das traduções, sobretudo a de Pessoa e Machado de Assis, restringindo-se em muitos estudos a verificar qual das duas fica com “o troféu”.

Nas últimas décadas têm ganhado relevo a tradução de um ilustre desconhecido, Milton Amado. De fato é uma excelente tradução, mas o procedimento parece o mesmo: localizando-se “fidelidades”, garante-se a “qualidade” da tradução e, a partir daí, todas as demais traduções embotam-se e seguem seu curso ao degredo.

Esse *modus operandi* tem um rival reverso, que é quanto mais “original” a tradução, melhor ela deve ser. Os dois modos tem algo em comum: o ponto de comparação é única e exclusivamente com o texto-fonte⁷. De fato todas as traduções serão iguais em alguns aspectos e diferentes em outros elementos e escolhas de tradução, quando postas em contraste ao texto de partida. Fato curioso é balizar, como alguns críticos do passado fizeram, a qualidade da tradução do poema de Poe não apenas pelo texto de partida, mas por outras traduções de renome. Novamente o ponto de comparação aqui é a tradução de Mallarmé e de Baudelaire. Tal exercício crítico, se ampliado pode trazer vantagens, mas se circunscrever-se a alguns pontos comparativos canônicos, leva-se novamente a pesquisa de tradução poética comparada a uma nova estagnação de possibilidades inovadoras, no que concerne ao texto de Poe.

Com esse levantamento, talvez possamos criar outros modos comparativos, inclusive deixando o “original” de Poe “descansar” algum tempo, especialmente se o critério de juízo final seja o da fidelidade. Alguns podem argumentar que desse modo, não se poderá dizer que o texto traduzido é de Poe.

O poeta de Boston foi, em realidade, o *primeiro tradutor* de seu poema maior. Traduziu-o da linguagem poética para a ensaística, e alguns teóricos, não sem razão, leem em *Philosophy of Composition* um “cripto-conto”, simulado de teoria da arte poética. Nesse cenário, seria um exercício bastante frutífero estudar alternativas de tradução entre línguas que normalmente não

⁷ Isso explica em parte porque no caso brasileiro as traduções de Machado de Assis e Fernando Pessoa anulem o espaço de outras boas experiências de tradução do poema de Poe, pois desde leitores médios até a leitura crítica operada pelos centros de pesquisa tem-se fixado demasiadamente o interesse somente nestas traduções. Semelhante situação ocorre no caso francês, italiano, todos com muitas traduções do poema, mas que o cânone tradutório se pauta no cânone literário de origem do tradutor, vinculado normalmente ao epicentro cultural dessas línguas. A única exceção é ocorre com as traduções espanholas, visto que os tradutores normalmente lembrados tanto pela dianteira de serem os primeiros tradutores quanto pelas qualidades dessas traduções, são oriundos, de países “periféricos” hispânicos: sul-americanos (Venezuela, Chile, Argentina, Peru, Colômbia, Paraguai, etc) e norte-americanos (México).

convivem culturalmente entre si.

Pensar o poema de Poe como uma ligação importante para o debate sobre suas traduções é algo básico de fato, mas sem a presença necessária dele como fator de decisão crítica inquestionável. Dessa forma, abrem-se muitas possibilidades de estudos sobre, por exemplo, magnetismos ideológicos contrários que convergem em traduções de “The Raven”, localizando os sinais de tais escolhas ideológicas no interior das traduções, que ainda assim apregoam uma pretensa fidelidade com o texto de partida. A partir disso, surgem outras questões, tais como: há ideologias marcadas no texto de Poe ou justamente sua opção deveria ser entendida como do tipo estritamente “arte pela arte”, e que foi isso que garantiu espaço a outras ideologias instalarem-se pela via tradutória? Ou se procede outra hipótese, que diz respeito a uma possível “neutralidade”, do texto de Poe, garantiria espaço a esse texto em tantos e variados países de culturas ideológicas tão diversificadas?

Ou, ao contrário, as posições ideológicas e estéticas inscritas no poema de Poe, combinadas, resgatam um equilíbrio entre os discursos em choque? Essas e outras tantas abordagens podem ser experimentadas quando se fala de tradução, mas cresce em progressão geométrica quando se pensa no poema exemplar de Poe. O fato mais interessante a meu juízo é ter a clareza do lugar deste poema na história das traduções entre línguas e entre as artes. Assim, esse texto poético invulgar vem atuando como um dos principais regentes simbólicos de processos contemporâneos de ligação entre as artes. Esse lugar é especial, e vem rendendo louros a variados artistas da palavra e da imagem há séculos.

Não deixa de ser irônico o fato de que Poe repassou os direitos de publicação do poema à época por 15 dólares, e hoje seu texto poético rende milhões aos empresários da cultura, tradutores e aos próprios artistas, que não raramente firmaram seus *locus* de fala em associação ao nome de Poe e à sua obra.

Muito provavelmente esse levantamento precisará de outros estudos para avançar nesse já deslumbrante quadro de traduções disponível no fim deste texto. Assim, como o cânone seleciona algumas obras e “esquece” de grande parte dos autores de determinada época, o cânone de traduções também relega à maioria das experiências transpositivas um recanto apagado e frequentemente subavaliado.

O peso do cânone é tamanho, que no caso das traduções portuguesas, a melhor tradução de “The Raven”, a de Milton Amado, não costuma alcançar a notoriedade das traduções de Pessoa e de Machado de Assis. Dessa maneira, nosso esforço foi dar nova voz a essas traduções que também são esquecidas por advirem de países culturalmente periféricos aos olhos da ótica eurocêntrica que impera em nossos estudos literários ainda hoje.

Poe extravasou essas barreiras e conseguiu manter-se onde seu próprio país, em determinados contextos históricos e políticos, não era muito bem-vindo. Um dos grandes exemplos disso, como já frisamos, é o da Rússia e de outros países eslavos, assim como todo o leste europeu, que mesmo sob os mais ferrenhos regimes totalitários, raramente fecharam as portas para o poeta de Boston. E se por algum tempo o fizeram, logo vieram novos poetas e tradutores de “The Raven”. Certamente haverá mais condições para ampliar esse mapeamento, inclusive corrigindo eventuais equívocos de nossa parte⁸. A certeza apenas é de que há muito que se explorar teórica e criticamente com base nesse poema estelar de Edgar Allan Poe.

Assim, o conjunto multivariado de traduções de “The Raven” é talvez a mais eloquente prova da força do simbolismo e do imaginário moderno chamado Edgar Poe. E essas traduções em profusão constante não são somente um índice desse imaginário. Ao contrário, é uma das espinhas dorsais que sustentam Poe e seu *Corvo* em pleno voo de cruzeiro. Criou-se assim uma tradição de tradutores dedicada a retroalimentar e redescobrir novos horizontes do imaginário delineado por Poe. Assim, traduzir “The Raven” passou a ser um rito iniciático de tradutores da língua inglesa.

Alguns países têm, mais ainda que outros, como estamos insistindo, enorme interesse pela obra de Poe, e mais ainda em traduzir o poema “The Raven”. Pesquisar todas essas motivações foge ao escopo e limite de nossas preocupações neste estudo, mas a nossa contribuição, seguramente, abre novas oportunidades explicativas sobre como um autor ou texto literário singra por mares tão diversos. A visualidade que a planificação cartográfica das traduções delineia nesse sentido é particularmente especial e ajuda na compreensão concreta da importância *sui generis* de Poe para a história mundial da literatura e da poesia.

⁸ Críticas, sugestões e indicações sobre novas ou desconhecidas traduções do poema “The Raven”, por favor, enviar mensagem para o e-mail: helciclever@gmail.com, a fim de se realizar inclusão de tais traduções em edições futuras.

Parece haver, portanto, um duplo sentido de motivação envolvido no processo de se traduzir “The Raven”: busca-se a tradução do imaginário historicamente atribuído a Poe e seu tempo, em paralelo ao imaginário da tradução, construído no transcurso da consolidação da tradição canônica de tradutores que se operou com foco especial no aludido poema. Esses flancos de tradução, tradição e imaginário passaram a coexistir sinergicamente, contribuindo para entender o complexo, volumoso e multiforme rol de traduções e tradutores de “The Raven” de Poe. Seguramente este estudo de compilação prévia necessitará de outros para ampliação do espectro de traduções, assim como eventuais emendas nas informações de referências, buscando-se a máxima exatidão dessas informações. A partir de agora temos um volume bastante ampliado deste poema que passou a ser um verdadeiro mantra da cultura [neogótica] mundial. Continuemos a abrir portas e janelas, em nossos “dezembros glaciais”, com quis Machado de Assis, para outros corvos entrarem em nossos sistemas literários e corações.

Considerações finais

Por último, o esforço de muitos pesquisadores aqui coligido poderá também ofertar novos estudos literários das mais diversas orientações críticas e teóricas, inclusive oportunizando novos olhares sobre as tradições poéticas nacionais, numa perspectiva de integração mais efetiva com as demais produções literárias ao redor do globo.

Nós, pesquisadores brasileiros do campo da literatura, temos muito a aprender sobre integração cultural, especialmente em se pensando em nossos vizinhos de fronteira e de continente, detentores de longa e rica tradição literária, parcamente conhecida por nós. Poe e seu poema ícone, em face da penetração universal de ambos, nos dão, nessa direção, condições de reatar outros laços culturais.

Por enquanto, apenas ficamos com a certeza de que a paisagem de traduções que estamos reunindo ainda está incompleta, o que nos causa alegria e motivação para continuar e, ao mesmo tempo, tristeza por ainda desconhecer outros corvos e seus idealizadores. Trata-se de fato de uma pesquisa ornitológica sem fim, pois as migrações do pássaro negro de Poe entre países não têm dado mostras de diminuição, ao contrário, a cada ano amplia-se o bando de corvos em nosso céu literário, poético e tradutório.

Referências⁹

- ADERMAN, Ralph M. "Poe in Rumania: A Bibliography," III: 19-20.
- BENTON, Richard P. "Edgar Allan Poe: Current Bibliography," II: 4-12; III: 11-16; IV: 38-44.
- CARLSON, Thomas C. "Romanian Translations of "The Raven", 1985. Memphis State University e disponível em: <https://www.eapoe.org/pstudies/ps1980/p1985203.htm>. Acesso em 18 jul. 2017.
- DAMERON, J. Lasley, Thomas C. Carlson, Judy Osowski, and John E. Reilly. "Current Poe Bibliography," VI: 36-42, VIII: 4346; X: 21.27.
- DAMERON, J. Lasley, Thomas C. Carlson, and John E. Reilly. "Current Poe Bibliography," VIII: 15-21.
- DAMERON, J. Lasley, Thomas C. Carlson, John E. Reilly, and Benjamin Franklin Fisher IV. "Current Poe Bibliography." XI: 32-38; XIII: 29-34; XV: 13-18; XVI: 34-38.
- FISHER, Benjamin Franklin IV. "Fugitive Poe References: A Bibliography," XI: 13-14, 38-41, XII: 31-34, XIII: 34-36, XIV: 25-30; XV: 18-22; XVI: 7-12.
- GARDNER, Martin. In: CARROLL, Lewis. *The Annotated Alice: The Definitive Edition*. Introduction and notes by Martin Gardner. Illustrations by John Tenniel. London/New York: W. W. Norton & Company, 2000, p. 35.
- GATO, Margarida Vale de. "A Standing Challenge for Changing Literary Systems" In *Translated Poe*. Esplin and Margarida Vale de Gato (Editoras/Orgs.). Bethlehem/ Pensilvânia: Lehigh University Press, 2014.
- GOETZ, T. H. "Addenda: Fugitive References, Poe and France," IX: 51-52.
- INGRAM, John Henry. *POE, Edgar Allan, 1809-1849. "The Raven". With literary and historical commentary by John H. Ingram*. London: George Redway, 1885 p. VII. Disponível em: <https://hdl.handle.net/2027/umn.319510020447550>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- LAWSON, Lewis A. "Poe and the Grotesque: A Bibliography 1695-1965," I: 9-10.
- MARRS, Robert L. "Fugitive Poe References: A Bibliography," II: 12-18.
- MARRS, Robert L. "The Fall of the House of Usher": A Checklist of Criticism Since. V: 23-24. 1960.
- OLEA FRANCO, Rafael; VICENTEÑO BRAVO, Pamela (2014) no texto "Encountering the Melancholy Swan Edgar Allan Poe and Nineteenth-Century Mexican Culture" In *Translated Poe*. Esplin and Margarida Vale de Gato (Editoras/Orgs.) (2014).
- OSOWSKI, Judy. "Fugitive Poe References: A Bibliography," III: 16-19; IV: 44-46; VIII: 21-22; IX: 49-51.
- PAVNASKAR, Sadanand R. "Poe in India: A Bibliography, V: 49-50. 1955-1969. Cf. Disponível em: <https://www.eapoe.org/pstudies/ps1980/p1984101.htm>. 28 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. 1809-1849. Poe, Edgar Allan, 1809-1849. *The raven. With literary and historical commentary by John H. Ingram*. London: George Redway, 1885.
- POE, Edgar Allan. *The Works of the Late Edgar Allan Poe*. With a Memoir by Rufus Wilmot Griswold and Notices of his Life and Genius by N. P. Willis and J. R. Lowell. 4 vols. 1850-56. Rptd. 1858, 1861, etc.

⁹ A íntegra de referências deste estudo estará disponível em livro (E-book gratuito) que trará também algumas das traduções desse estupendo poema de Poe e que já estão disponíveis em domínio público.

- POE, Edgar Allan. *The Works of Edgar Allan Poe*. 4 vols. Ed. Ingram, J. H. Edinburgh, 1874–75, 1880, etc.
- POE, Edgar Allan. *The Tales and Poems of Edgar Allan Poe*. 4 vols. Ed. Ingram, J. H. London, 1884.
- POE, Edgar Allan. *The Works of Edgar Allan Poe*. 6 vols. Ed. Stoddard, R. H. [1884], 1894.
- POE, Edgar Allan. *The Works of Edgar Allan Poe*. Newly Collected and Edited, with a Memoir, Critical Introductions, and Notes. 10 vols. Ed. Stedman, E. C., and Woodberry, G. E. Chicago, 1894–94; New York, 1914. Vol. X (Poems) separately, 1907, 1914.
- POE, Edgar Allan. *The Complete Works of Edgar Allan Poe*. (Virginia Edition.) 17 vols. Ed. Harrison, J. A. [1902]. Vol. 1 (Biography) and Vol. VII (Poems) separately, 1902. Vols. 1 and XVII (Letters) slightly revised, as *Life and Letters of Poe*, 1903.
- POE, Edgar Allan. *The Complete Works of Edgar Allan Poe*. 10 vols. Ed. Richardson, C. F. New York and London, [1902].
- POE, Edgar Allan. *Poems of Edgar Allan Poe*. (Muses' Library). Ed. Ingram, J. H. London, [1909].
- POE, Edgar Allan. *The Complete Poems of Edgar Allan Poe*. Ed. Whitty, J. H. Boston, 1911; also, revised and enlarged, Boston, 1917.
- POE, Edgar Allan. *The Poems of Edgar Allan Poe*. Ed. Campbell, K. Boston, [1917].
- SEGAL, Miryam. *New Sound in Hebrew Poetry: Poetics, Politics, Accent*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2010.
- RICHARDS, Eliza. Outsourcing "The Raven": retroactive origins. *Victorian Poetry* 43.2 (Summer), 2005, p. 205.
- Steampunk Poe by Edgar Allan Poe, Illustrated by Zdenko Bašić and Manuel Šumberac, edited by Ellie O'Ryan and Marlo Scrimizzi, and: *American Gothic: From Salem Witchcraft to H. P. Lovecraft, An Anthology*, 2nd ed. edited by Charles L. Crow (review), 2011.
- VINES, Lois (Editor). *Poe abroad: influence, reputation, affinities*. Iowa City: University of Iowa Press, 1999/2002.
- WOODBIDGE, Hensley C. "Poe in Spanish America," *Poe Newsletter*, January 1969, Vol. II, No. 1, 2:12-18. Cf. Disponível em: <https://www.eapoe.org/pstudies/ps1960/p1969105.htm>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- WOODBIDGE, Hensley C. "Poe in Spanish America: Addenda and Corrigenda," IV: 46.

Principais sites da internet consultados

<http://alpha.bn.org.pl/>
<http://catalogo.bne.es>
<http://catalogo.bnportugal.pt/>
<http://catalogue.bnf.fr/>
<http://danskforfatterleksikon.dk>
<http://d-nb.info/>
<http://explore.bl.uk/>
<http://libris.kb.se/>
<http://nbdb.libis.lt>
<http://nfct.org.il/>
<http://onlinebooks.library.upenn.edu>

<http://opc4.kb.nl/>
<http://runeberg.org/>
<http://scans.library.utoronto.ca/>
<http://trove.nla.gov.au/>
<http://www.armandrobin.org/>
<http://www.bartleby.com/>
<http://www.biblionet.gr>
<http://www.bnjm.cu/>
<http://www.cervantesvirtual.com>
<http://www.edgarallanpoe.de>
<http://www.elfikurten.com.br>
<http://www.en.nkp.cz/>
<http://www.isfdb.org/>
<http://www.letras.edu.ar/>
<http://www.library.vanderbilt.edu>
<http://www.nlg.gr/>
<http://www.nlr.ru/>
<http://www.nsk.hr/ispis-rezultata/>
<http://www.theeuropeanlibrary.org/>
<http://www.unesco.org/xtrans/>
<http://www.vbs.rs/>
<http://www.worldcat.org>
<https://archive.org/>
<https://arhiva.bibmet.ro>
<https://cylchgronau.llyfrgell.cymru/>
<https://de.wikisource.org/>
<https://ester.ester.ee/>
<https://kansalliskirjasto.finna.fi/>
<https://kasif.mkutup.gov.tr/>
<https://librivox.org/the-raven-multilingual-by-edgar-allan-poe>
<https://libweb.cityofalbany.net/>
<https://pt.wikipedia.org/>
<https://www.bn.gov.br/explore/catalogos>
<https://www.eapoe.org/>
www.dominiopublico.gov.br/

MAPA MUNDIAL DE TRADUÇÕES DO POEMA “THE RAVEN”



Dos autores. Fonte: com base em informações várias bibliográficas e catalográficas, que confirmam a procedência e existência das referidas traduções.

QUADRO COM AS PRINCIPAIS TRADUÇÕES BRASILEIRAS E TRANSCRIÇÕES DE “THE RAVEN” (EM ORDEM CRONOLÓGICA)¹⁰

Traduções Brasileiras		
Américo Lobo (1882/1892)	Alexei Bueno (1980)	Isa Mara Lando (2003)
Machado de Assis (1883)	José Lira Ortigão (em cordel) (1995/1996)	André Boniatti (2006)
Venceslau de Queiroz (1885)	Cláudio Weber Abramo (1997/2011)	Alskander Santos (2006)
Fontoura Xavier (1887)	Jorge Wanderley (1997)	Thereza Christina Roque da Motta (2009/2013)
Escragnolle Dória (1903)	João Inácio Padilha (1997)	Raphael Soares [Elaphar] (2010)
Alfredo F. Rodrigues (1914)	Sergio Duarte (1998)	Luiz Antonio Aguiar (2012)
Manoel de Soiza e Azevedo (1913/1914/1915)	Edson Negromonte (1998)	Luciano Vieira Machado (2012)
João Kopke (1916/1917)	Odair Creazzo Jr. (1998)	Renato Suttana (2010/2012)

¹⁰ Todas essas indicações de traduções estão detalhadas nas informações bibliográficas (artigos, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de graduação etc), sítios da internet de Bibliotecas Nacionais (National Libraries), portais de domínio público, blogs de autores, arrolados nas referências de forma específica ou constantes de outras referências e estudos que compilaram tais informações de autoria de tradução.

Anônima (1916)	Luis Carlos Guimarães (1998)	Jeison Luis Izzo (2014)
Emílio de Menezes (1917?1980)	Aluysio Mendonça Sampaio (1998)	Bruno Palavro (2017)
Manoel José Gondin da Fonseca (1928/1956)	Vinícius Alves (1999)	Pedro Mohallem (2017)
Milton Amado (1943/1960/1985/1987)	Helder da Rocha (1999)	Wilton Bastos (2017)
Aurélio de Lacerda (1949)	Eduardo Andrade Rodrigues (2000)	Emerson Cristian Pereira dos Santos (2017) (LIBRAS)
Benedicto Lopes (1956/1970)	Diego Raphael (2000)	
José Luiz de Oliveira (1968)	André Carlos Salzano Masini (2000)	
Haroldo de Campos (1975/1976)	Jorge Teles (2001)	
Rubens F. Lucchetti (1976)	Carlos Primati (2002)	

Dos autores. Fonte: com base em informações do site de Elson Fróes e em várias outras fontes bibliográficas e catalográficas, que confirmam a procedência e existência das referidas traduções.

TRADUÇÕES PORTUGUESAS DE “THE RAVEN”

Traduções em Português de Portugal (O corvo)
Paulo de Magalhães (1887)
Mência [Mécia] Mouzinho de Albuquerque (1887/1889/1890)
Fernando Pessoa (1924/1925)
Máximo das Dores (1928/1929)
Luís Augusto de Sousa (1957)
João Costa (1971-1972)
Cabral do Nascimento (1972)
Margarida Vale de Gato (2003/2004//2009)
Adriana Pereira (2011)
Transcrições/ Transpoetizações/ Intertextos com The Raven em Portugal
José Duro (1898)

Dos autores. Fonte: com base em informações disponíveis em diversas referências bibliográficas e em outras fontes digitais.

Exemplos de Transcrições/ Transpoetizações/ Intertextos com The Raven
Poema “A Cabeça de Corvo” Alphonsus de Guimaraens (1891-1895)
Poema “Ave Dolorosa” (1902) de Augusto dos Anjos
Poema “Asa de Corvo” (1906) de Augusto dos Anjos
Poema “O Gorvo” de Juó Bananêre (1924) (Paródia)
Poema “Pressago” de Cruz e Souza (1995, data da edição)
Trecho de “Romanceiro da Inconfidência” de Cecília Meireles (1977, da edição)
Poema “A visita” de Carlos Drummond de Andrade (1979/2002)
Poema “Insular” de Paulo Leminski (2013)
“O corvo” de Reynaldo Jardim e Marilú Silveira (1987/1988)

Poema “O corvo” (Paródia). de Antônio Thadeu Wojciechowski, Roberto Prado, Marcos Prado e Edilson Del Grassi. Ilustração de Miran.
Poema “Transcorvo de Poe” de Augusto de Campos (1992)
Poemas “Alcólicas” e “Cantares do sem nome e de Partida” de Hilda Hilst (1989/1995)
“Prefácio ao Anu” “O Anu” de Carlos Versiani (2003?/2005)
“O corvo” de Bernardo Simões Coelho (2005)
“Outro Pássaro” de Ivan Justen Santana (2008)
Poema “O corvo” de Paulo Cesar da Costa Pinto (2015)
Poemas/Narrativas recriações de “O corvo” de VARIOS AUTORES (2015) ¹¹
Poema “O Urubu” de Guilherme Gontijo Flores e Rodrigo Tadeu Gonçalves (2016)
Poema “O Estorvo” de Pedro Mohallem (2016) (Paródia)
“Estudo poético para um corvo” de Eric Ponty (s/d)

Dos autores. Fonte: com base em informações disponíveis em diversas referências bibliográficas e em outras fontes digitais.

QUADRO – TRADUÇÕES DE “THE RAVEN” PARA AS DEMAIS LÍNGUAS

Traduções em Francês (<i>Le Corbeau</i>)	Traduções em Italiano (<i>Il corvo</i>)
Anônima (1853)	Francesco Contaldi (1865-1903)
Charles Baudelaire (1853)	Gustavo Tirinelli (1877)
William Little Hughes (1862)	Anônima, atribuída a Scipione Salvotti (1881)
Eugène Goubert (1869)	Enrico Nencioni (1899)
Stephane Mallarmé (1875/1888)	Guido Menasci (1890)
Albert Allenet (1879)	Ulissee Ortensi (1892/1902/1903)
Bernard-Henri Gausseron (1882)	Ernesto Ragazzoni (1896)
Ernest Guillemot (1884)	Vito D. Palumbo (1903) (em italiano e em grego “O Kraulo”)
Victor Orban (1908/1910)	Raffaele Bresciano (1905)
Émile Lauvrière (1904/1917/1918)	Luigi Siciliani (1911)
Armand Masson (1911)	Federico Olivero (1912)
Jean George Tollemache Sinclair (1912)	Giuseppe Margani (1913)
Jym (1917)	Mario Praz (1921/1974/1997/2004//2008/2007/2012)
Marcelin Huc (1920)	Antonio Bruno (1932/1990/2012)
Lucie Delarue-Mardrus (1922-1951)	Pietro Visconti (1933)
Leo Quesnel (?)	Camillo Adrower (1933)
Gabriel Maurey (1910/1926)	Ennio Flaiano (1936) ¹²
J. Serruys (1913)	Nello Baccetti (1949)
Maurice Rollinat (1926)	Carlo Izzo (1953)
Armand Godoy (1929)	Ettore Serra (1956)

¹¹ Recentemente, (2015), R. F. Lucchetti e vários outros escritores lançaram uma proposta colaborativa de reescritura com base no poema poeano. Como se vê, o sistema literário brasileiro, canônico e não canônico continua realizando novas experimentações com base em “The Raven”. Trata-se de uma excelente obra com 60 intertextos recriativos de aspectos do poema de Poe (tanto em formas narrativas quanto poéticas), empreendimento que ainda contou com o trabalho de 15 ilustradores em comemoração aos 170 de publicação do texto poeano. Cf. Vários Autores (lista completa nas referências). *O Corvo. Um livro colaborativo*. Vários Ilustradores. Filipe Larêdo (Editor). São Paulo: Empíreo, 2015. Edição do Kindle.

¹² Cf. Trad. Informada no site <http://rivistatradurre.it/2015/05/traduzione-e-catarsi-2/>. Acesso em: 8 set. 2017. Trata-se de tradução incompleta do poema.

J.-A. Moisan (1929/1933/1934/1939)	Carla Apollonio (1969/1985/2006)
Armand Robin (1940)	Alfredo Lucifero Petrosillo (1970)
Léon Lemonnier (1932/1949/1950)	Guido Asvero Bottussi (1971)
Suzanne d'Olivéra Jackowska (1933)	Boggi Garampelli (1977)
Xavier de Magallon (1937)	Antonio Agriesti (1989)
Henri Parisot (1968)	Tommaso Pisanti 1982/1990/1992/1997/2003/2004/2005/ 2012)
Pierre Pascal (1942/1970)	Maurizio Cucchi e Silvana Colonna (1986/1991/1999/2009)
Claude Richard (1989)	Giacomantonio Flavio (1990)
Alice Becker-Ho (1997/2013)	Alessandro Quattrone (1997/2000/2002)
Jean-Marie Maguin, Claude Richard e Christophe Marchand-Kiss (1997)	Benedetto Macaronio (2002)
Henri Justin (1997/2010)	Silvana Stremiz (2005)
Didier Lamaison (2000?)	Claudio Angelini (2006)
Stéphane Chabrières (2003)	Francesca Diano (2006)
Raouf Hajji (2004)	Raul Montanari (2009/2010)
Jean-Pierre Naugrette (2006)	Antonio Vacca (2009/2016)
Jean Hauteperre (2008/2009/2012)	Paul Meighan (2014)
Jean Cadas (2009)	Franco Venturi (2016)
Nicolas Blithikiotis (2010)	Cesare Sofiano (?)
Bruno Gaurier (2011)	Traduções em Russo (Ворон)
Stellamaris (2014)	S. Andrew Andreevski (1878)
Armand Juin (?)	L. Palmin (1878)
Traduções em Francês do Canadá (Le Corbeau)	L.E. Obolensky (1879)
Paul Laurendeau (1976/2015)	Ivan Kuzmich Kondratev (1880)
Esther Paul (2014)	Gorodetsky (1885) possível nome do tradutor anônimo
Traduções em Espanhol (El Cuervo)	Dmitry Merezhevsky (1890/1893)
Ignacio Mariscal (México) (1867/1869/1880/1849)	Konstantin Balmont (1894/1985)
José Ramón Ballesteros (Peru) (1874) ¹³	Altalena, pseudônimo de Vladimir Jabotinski (1897?1897/1907//1931). Trad. também em hebraico.
José Martí (Cuba) (1883) (tradução de estrofes)	Lev Umanets (1908)
Luis Alfonso (?) (1883)	Valery Bryusov (1905-1924)
Carlos Olivera (Argentina) (1879/1884) ¹⁴	V. Fedorov (1923)
Juan Antonio Pérez Bonalde (Venezuela) (1887/1895/1919/1942/1944/1946/1 949)	W. Bruce (1905-1924)
Felipe Gerardo Cazeneuve (Peru) (1885/1890/1901)	G. Golokhvastov (1936)
Anônima (1892)	M. Zenkevich (1946/2002/2011)
Guillermo Franklin Hall Aviles (Grã- bretanha/Guatemala) (1892/1941)	Alexander Olenich-Gnenenko (1946)
Anônima (Valparaíso/Chile) (1895)	Alexander Yesenin-Volpin (1948)
Isaías Gamboa (Colômbia) (1896)	Paul Lyzhin (1952)
Leopoldo Díaz (Argentina) (1897)	Nina Voronel (1956-2001)
Rafael M. Arizorga (Equador) (1902)	B. Betaki (1972)

¹³ Cf. Castany Prado (2012, p. 3).

¹⁴ Idem. And: "El Orden of Tucumán". Cf. Disponível em: https://sites.lsa.umich.edu/webbkeane/wp-content/uploads/sites/213/2016/04/Jacaruso_Translation.pdf. Acesso em: 11 set. 2017.

Francis J. Amy (1903)	Valery Ananyin (1976)
Viriato Díaz Pérez (Espanha/Paraguai) (1904)	V. Vasilyeva (2009)/ Adela Vasiloi Vasiliev (1976/2010)
Ricardo Gómez Robelo (México) (1904/1906)	M. Donskoy (1976/2004) “Don”
Ramón Pomés (Barcelona/Espanha) (1907)	V. Vasylenko (1976)
Carlos Arturo Torres Peña (Colômbia) (1910)	Charles L. Edson (1963)
Agustín Aguilar y Francisco R. Ortega Frías (Cádiz) (1910/1927/1928)	Igor Golubev (2001)
Antonio Muñoz Pérez (1911) (em prosa) (1915)	Silentium Aye (2003)
(1918)	Sergey Petrov (1911-1988). Publicado em (2003)
Emílio Berrisso (Argentina) (1915?)	Nikolai Gol (1988)
José Pablo Rivas (Espanha) (1916)	B. Toporova/ V. Toporov (1988)
Anônima (1920)	Kosmolinskiy (1999)
Manuel A. Chávez (México) (1920)	Anna Parchinskaya (1998)
Rafael Lozano (México) (1922)	V. Kosmolinskaya (1999)
M. Moreno-Mora (1924)	I. Golubev (2001)
Álvaro Armando Vasseur (1924)	Pavel Ryzhkov (2001)
Abel Farina (1915-1916)	A Balyuri (2003)
Francisco de Soto y Calvo (Argentina) (1926/1927)	S. Muratov (2003)
Carlos Obligado (Argentina) (1932/1934/1941/1942)	Dyck/ Dyke (2003)
Manuel Vallvé López (Espanha) (1934)	Alexander Militarev (2003)
Alberto L. von Schauenberg (Argentina) (1937)	Gennady Aminov (2004)
Jesús Mora Vázquez (Colômbia) (1940)	Skofter (2005)
Anônima (1942)	Anônima (2005)
Amable O'Connor D'Arlach (Bolívia) (1946/1950)	Otto Van Dorian (2005)
Luis Ángel Casas (Cuba) (1948/1950)	Irina Vasilevna Turchina (2006)
Julio Gómez de la Serna (Espanha) (1951)	Dmitry Goldovsky (?)
Fernando Aguirre de Carcer (Espanha) (1952)	Alexander Kok (2009)
Júlio Cortázar (Argentina) (1956/2007)	Vladimir Il'ich Čeredničenko (2009)
Carlos Alberto Torres (Argentina) (1957)	Valentin Savin (2010)
R. V. de Aynen (Argentina) (1957)	Eugene Gal'tsov (2011)
Hermógenes Sáinz (1968)	Alexei Matyushkin (2013)
Raul Mariaca G. (Guillén) (Bolívia) (1971)	A. Glebovskaya (2013/2016)
Miguel Giménez Sales (1973)	Levitas Nikolai (2014)
Diego Navarro (Espanha) (1973)	Elmira Mustafayev (2014)
Arturo Sánchez (Espanha) (1974/2005)	Andrew Shirokodorodov (2014)
Arturo Sánchez y Federico Revilla (Espanha) (1980/1981/1983/2002)	Eldar Janashvili (2015)
Anônima (1976)	Elena Komarova (2015)
Anônima (1977)	S. Plotov (?)
Emiliana Lapuente (Espanha) (1978/1980/1983/1987)	Traduções em Alemão (Der Rabe)
Graciela Míguez (Uruguai) (1979)	Elise von Hohenhausen (1853)
	Alexander Neidhardt (1856)

Carlos del Pozo (1981/1983)	Luise von Ploennies (1857)
Anônima (1993)	Friederich Spielhagen (1859)
Piedad Bunnett / Piedad Bonnett (Colômbia) (1994)	Adolf Strodttmann (1862)
Francisco Pino (Espanha) (1997)	Anônima "Der Rabe" (1864)
Javier Miró (Espanha) (1997)	Niclas Müller (1864/1874)
Efraim Otero Ruiz (Colômbia) (1997)	Carl Theodor Eben (1869)
Ramón Hervás (1997)	Eduard Mautner (1874)
Andrés Ehrenhaus y Edgardo Dobry (Espanha) (1998)	Anna Vivanti-Lindau (1878)
Maria Córdor e Gustavo Falaquera (Espanha) (2000)	Fraulein Betty Jacobson (1880)
Gabriela Stoppelman (Argentina) (2000)	Bertha Rombauer (1889)
Marcela Testadiferro (Argentina) (2000)	Hedwig Lachmann (1891/1904)
Magdalena Palmer (Barcelona) (2001)	Alexander Baumgartner (1892)
Anônima (2001)	Hedda Moeller-Bruck [Hedda Eulenberg] e Arthur Moeller-Bruck (1901-1904/1914)
Mauro Armiño (Espanha) (2008)	Ernst Schmidt (1903)
Proyecto Helbardot (UNAM) (México) (2009) (duas traduções)	Hanns Heinz Ewers (1905/2009)
J. Jaime Verniez (Espanha) (2009)	Emil Häußer (Haeusser) e Paul Schäfenacker (1906)
Ramón González Férriz (Barcelona) (2009)	Theodor Etzel (1908/1914/1922/1966)
Carlo Frabetti (Espanha) (2009)	<u>Adolar Eugen Pelham von</u> Dunop (1919)
Carlos Manuel Cruz Meza (México) (2009)	Otto Hauser (1907/1917)
Luis Alberto de Cuenca (Espanha) (2009/2010)	<u>Johannes von</u> Guenther (1947)
José Siles Artés (Espanha) (2011)	Maria Mathi (1954)
Adolfo Muñoz (Espanha) (2012)	Hans Wollschläger (1966/1973/1989/1995) com a colaboração de Arno Schimidt
Ricardo García Nieto (Espanha/Múrcia) (2012)	Richard Kruse (1973/1976/1980)
Isaac Manuel Cuende Landa (Espanha) (2012)	Michael Görden (1981)
Yenis Adelaira Ochoa (Venezuela) (2016)	Kay Borowsky (1992)
Ithan H. Grey (Las Palmas/Espanha) (2016)	Ursula Wernicke (1989/1995)
Sarah Retter (2016)	Christa Schuenke (1996)
Enrique López Castellón (Espanha/Múrcia) (2016)	Manfred Uhlig e Ole Törner (2000)
Alexis Figueroa (Chile) (2015/2016)	Helmut Pydde (2002)
Gustavo González González (México) e Francisco Iván Solís (México) (2016)	Melchior Hala (2006)
"Pequeño Santi" (2017)	Ralf Schauerhammer (2007)
Antonio Rivero Taravillo (Espanha) (2017)	Gisela Etzel (2004/2008)
Carmela Eulate Santjurjo (s/d?)	Helmut Grundmann (2011)
José Agustín Quintero (s/d?)	Martin Thau (2012)
Tradução em Galego (O corvo)	Traduções Búlgaras (Гарванът)
Tomás González Ahola (2008)	Anton Strashimirov (1898)
Traduções em Estoniano (Vares)	Elin Pelin (1906)
Ants Oras (1929 e revisado em 1931)	Georgi Mihailov, George Mikhailov (1920/1945/1976)

Johannes Aavik (1930/2000)	Spas Nikolov (1967/1997)
G. Kajak (1915)	Krastan Dyankov (1976)
Helga Kross (2001)	Kristin Dimitrova e Vladimir Tredafilov (1992)
Urve Hanko (2002)	Vasil Slavov (?)
Traduções em Azerbaijano (Quzğun)	Luben Lyubenov (1993)
Dalğa Xatınoğlu (2013)	Temenuga Marinova (2001)
F. Uğurlu et al. (2014)	Traduções Chinesas (乌鸦) (Wūyā)
Osman Tuğlu (2017?)	Zi Yan (1923)
Traduções Ucrainianas (Ворон/Крук)	Zhan Bai-fu (1925) (The Creation Society's Creation Weekly), Guo Mo-ro (revisor)
Paul Grabowski/ Pavlo Grabovsky (1897)	Yang Hui (1927) da Sunken Bell Society
I. Petrushevich (1899)	Yu Guangzhong (1963)
M. Johansen e B. Tkachenko (1928)	Zhang Ai'ling et al (1963)
L. Mosendz (1935)	Kyu-Woong Chung (1974)
Viktor Marach (1955/2007)	Dae-Kun Kang (1983/1984)
Sviatoslav Gordinsky (1961)	Zhou Xiangqin (1988)
Kochur Grigory Porfirovich (1949/1965) (somente publica neste ano/1969)	Cao Minglun (1995/1999)
Galina Gordasevich (1985)	Sung-Young Hong (1999-2002)
Anatoly Onyshko/ Anatoliy Onyshko (1972)	Jiang Feng (1997)
O. Irvantsa (1996)	Yang Chuanwei (1992)
Traduções Islandesas (Hrafninn)	Liu Xiangyu (1999)
Einar Benediktsson (1892/1925)	Yilin Xie Ying (2001)
Matthías Jochumsson (1892), (1903, ano efetivo de publicação)	Qiū zǐ shù (2011)
Sigurjón Friðjónsson (1934)	Chinghuey Tiao (2012)
Jochum Eggertsson "Skuggi" (1941)	Anônima (2007)
Helgi Hálfðanarson (1940?2011)	Anônima (2007)
Porsteinn frá Hamri (1985)	Jia Chen Yang (?)
Gunnar Gunnlaugsson (1986)	Traduções Coreanas (가마귀) (galgamagwi)
Traduções Finlandesas (Korppi)	Kyu-Woong Chung (1974)
Valter Juva (1926/1916)	Dae-Kun Kang (1984)
Nils Rudolf (Niilo) Idman (1959/1972/1990/1992)	Jinkyung Kim (1997)
Traduções Norueguesas (Ravnen)	Myungok (2010)
Jonas Boye (1894)	Traduções Árabes (الغراب / سود غراب, [gharab 'aswad/ alghurab])
Hans Hysten (1936)	Yehia Ah.med Mucawwad (2009) (Egito)
André Bjerke (1967)	Ghada Al-halawani (2010) (Egito)
Håvard Rems (1985)	Gassan Ahmed Namiq (2012) (Iraq)
Alexander G. Rubio (1994)	Sherif Baqnah Shahrani/Sherif Saad Baqnah Al Shahrani (2004) (Saudi Arabia)
Traduções Suecas (Korpen) (Galande)	Traduções Persas (سياه ك لاغ)
Viktor Rydberg (1877/1944)	Sepideh Jodeyri (2006)
Sven Christer Swahn (2001)	Ali Fatolahi (2014)
Sven-Åke Gustafsson (2008)	Traduções Japonesas (大鴉/Ogarasu) 烏
Carl Fredrik Peterson (2014)	Kōnosuke Hinatsu (1936)
Måns Winberg (2007)	Takehiko Fukunaga (1970/1979/1996) e outra versão com Yasuo Irisawa (1970/1996)
Traduções Dinamarquesas (Ravnen)	Abe Tamotsu (1956/1967)

A. B. (1877-1878)	Yuka Nakazato (2016)
Otto Rung (1918/1928)	Shogo Kashima (1995/2009)
Thøger Larsen (1948)	Kinji Shimada Heibonsha (1950)
Henning Goldbæk (1993)	Masao Nakagiri Gakken (?)
Arne Herløv Petersen (1995)	Wakameda Takeji (1922)
Erik Rosekamp (1995)	Ichiei Sato (1923)
Ib Johansens (2011)	Seiji Tanizaki (1941-1944)
Erik Rosekamp (1995/2007/2011)	Iwanami bunko (1940, editor)
Tradução Galesa (<i>Mae'r gigfran/Y Gigfran</i>)	Hakawa Kenkichi (1947)
T. Gwynn Jones (1877/1922)	Hirakibunsha (1952)
Tradução para o Latim (<i>Corvus</i>)	Traduções em Vietnamita (<i>Con quạ</i>)
Lewis Ludovicus Gidley e Robinson Thornton (1863/1866)	Nguyễn Giang (1936)
Traduções em Frísio (<i>De Raven</i>)	Nguyễn Hiến Lê (1956)
Douwe Annes Tamminga (1949/1984/1985/2011)	Ziên Hồng (Editor, 1963)
Redbad Veenbaas (2008)	Hoàng Tố Mai (2015, data localizada de publicação de uma edição)
Tradução Basca (<i>Bela/ Belea (olerkia)</i>)	Lý Lăng Nhân/David Lee Lang (2010)
Mirande'tar Jon'ek/Jon Mirande'tar (1950)	Traduções em Hebraico (העורב / “<i>ha-‘Orev</i>”)
Traduções Armenas (ԱՊՌԱՎԻԼ)	Ze'ev Vladimir Jabotinsky (1914?1923/1924) com a colaboração do poeta hebreu Haim Nahman Bialik
Samvel Mkrtchyan (?)	Eliyahu Ziffer (1990)
M Vaygouny (1925/1928)	Joseph Tzur (?)
Khachik Dashtents (1937)	Ruth Paldi (?)
Traduções em Esloveno (<i>Kroka</i>)	David Nussbaum (1925)
Anônima (?)	Ido Ben-Gurion/Edo Ben-Giron (1974)
Grisa Koritnik (1929)	Shmuel Friedman (1984)
Anton Sovrè (1950)	David Benor (?) (1992)
Andrej Arko (1985/2000)	Hannah Nir (?) (1997)
Jože Udovič (1991)	Yanai Perry (?) (2008)
František Benhart (1997)	Reuven Weimar (2012) (editor: Yotam Benshalom)
Dane Zajc (1997)	Jacob Shaked (?)
Jože Tisnikar (1997)	Traduções em Yiddish (רעווען די /<i>De Rob/ Di Rob</i>)
Ana Ristović (2006)	I. Kissin (?)
Traduções em Grego (το κοράκι)	Henry Rosenblatt (1905)
Pericles Giannopoulos (1894?1896)	“Aron Carlin” (1919)
K. I. Prada (1888)	Leon Bassein e George Kussiel Gorn (1920)
Vito D. Palumbo (1903)	Aaron Glantz-Leyeles (?)
Napoleon Lapathiotis (1991)	Traduções Turcas (<i>Kuzgun</i>)
Kostas Ouranis / Kostas Karyotakis (2008)	Ülkü Tamer (1988)
Mitsos Papanikolaou (?)	Oguz Cebeci (1992/1993/2003)
Kaisar Emmanouil (1932)	Hande Tastekin (2000/2012)
Elias Polichronakis (2011)	Oguz Baykara (2011)
Stefan Mpekatoros (?) / G. Bekathoros (1991)	Traduções em Esperanto (<i>La Korvo</i>)
Giorgos Blánas (2006)	D. H. Lambert (1906)
Arseni Gerontiko (1973)	Kálmán Kalocsay (?) (Poeta e tradutor

	húngaro)
Nikos Simiriotes (1981/2002)	Jon Willarson (1955/2009)
Amira Khan (1997/2000)	Leopoldo Henrique Knoedt (2002)
Peter Spandonidis, Takis Papatzonis (?) citados em Antologia editada por Alexis Ziras (1999)	William Auld (?)
Athanasios D. Economou (1998/2004)	Traduções em Catalão (Corb)
Aris Zavos (2003)	Xavier Benguerel (1979/1982)
Nikolopoulou (2006)	Miquel Forteza i Pinya (1945/1935)
Giannis V. Ioannidis (2007/2010)	Traduções em Bielo-russo (крымкач)
A. Damianos (2007)	Mikhail Youzhny (2009)
Dimitris Choroskelis (2008)	Oleg Minkin (2011)
Kostas Ouranis e Alexandra Lymperopoulou (2008)	Andrey Hodonovich (2011)
Tzina Politi (2009)	Traduções em Albanês (Korbi)
Giannis Karytsas/ Kostas Katsikas (2009)	Fan Stylian Noli (1911, primeira versão) /1918 (segunda versão)?1919/ novas edições em 1999/2005)
Dimitra Pantapassi (2010)	Dritan Thomallari (2001)
E. Kalkan (2010)	Arben Dedja (2003)
Katerina Shina (2013)	Arjan A. Bejko (2009)
George Varthalitis com a colaboração de Dimitris Armaos (2015)	Aleko Ballauri (2008/2011)
Th. Charalambidis (2017)	Anônima (2013)
Traduções em Letão (Krauklis)	Jozef Radi (2015)
Austra Aumale (1988)	Luxemburguês (Der Krab)
Traduções em Macedônio (Ha zaepan)	Henry Lee Fischer (1891/1908/1940)
Gane Todorovsk (1956/1969)	Traduções Holandesas (De Raaf)
Traduções Croatas (Gavran)	Jacob van Lennep (1860, 1861, 1872)
Aleksandar Tomić (1875)	Michel E. Barentz (1897)
Ivan Slamnig (1951) (primeira tradução)	G.B. Kuitert (1899/1915)
Ivan Slamnig (1961) (segunda tradução totalmente diferente da primeira)	Herman Robbers (1935)
Antun Soljan (1951) (primeira tradução)	Johannes Filippus Malta (1887/1983)
Antun Soljan (1961) (segunda tradução totalmente diferente da primeira)	Gerard den Brabander (1944/1948/1980/1982/1983)
Zlatko Crnković (1996)	M L Huizenga (1944)
Luke Paljetka (2013)	Bob de Uyl (1983)
Jure Kastelan (2005)	Carel Alphenaar (1993/1994/1999)
Traduções Sérvias (Gavrana/Gavran)	Anônima (2000)
Nika Grujić Ognjan (1878)	Berrie de Boer (2010)
Milorad (Popović) Šapčanin (1882)	Capozzi (2011)
Svetislav Stefanović (1903)	Jibbe Willems (2012)
Jovan Ćirilov (1952)	Jaap van den Born (paródia) (2014)
Trifun Đukić (1965)	Erik Bindervoet e Robbert-Jan Henkes (1998?2008)
Vladeta Košutić (1972)	Rudi J.P. Lejaeghere (2016)
Kolja Mičević (1972/1987/1989/1996/2002/2006)	Rianne Werring (2017)
Branimir Živojinović (1979)	Peter Mangelschot (2017)
Leo Držić (1986/1992)	Traduções Húngaras (A holló)
Anika Krstić (1984)	Károly Szász (1858)
Dejan Mihailović (2012)	Endre Ady/ Endrődy (1870)

Dorđe Nešić (2013)	Tamás Szana (1870)
Agencija Kapetanović (2013)	József Lévy (1882)
Igor Stolić (2013)	Csillag Imre (1918)
Traduções Lituanas (Varnas)	Tóth Árpád (1916/1949)
Algimantas Zeikus (2014/2015)	Mihály Babits (1959)
Sigitas Geda (2003/2004)	Kosztolányi Dezső (1913)
Edmundas Juškevičius (2006)	Pásztor Árpád (1916)
Traduções Romenas (Corbul)	Kántás Balázs (?)
Iuliu Cezar Savescu (1876/1893/1895/1903/1904)	Rossner Roberto (?)
St. p. (1886)/ I.S.Spartali (1890)	Harsányi Zsolt (?)
Gripen (Grigore D. Pencioiu) (1891)	Telekes Béla (?)
I. Thieodorescul (1892) (em prosa)	Franyó Zoltán (?) Ferenczi Zoltán (?)
I. D. Ghiocel (1892) (em prosa)	György Radó (1966)
Anônima (1892) (em prosa)	Faludy György (?)
Anônima (1893) (em prosa)	Kozma Andor (?)
“Dor” (1894) (em prosa)	Lőrinczi László (?)
Anônimas (1904, três traduções)	Traduções Tchechas (Havran / Havrana/ Krkavec)
Dim. C. Zavalide (1905)	Vratislava Kazimír Šembera (1869)
Radu Paltin = H. Petra-Petrescu (1909)	Jaroslava Vrchlického (1881/1890)
A.[Axelrad] Luca (1909)	Augustin Eugen Mužík (1885)
Nicolae Dascovici (1911)	Karel Dostál-Lutinov/ Karla Dostála-Lutinova (1918)
Anômina (1915, duas publicações)	Vítězslav Nezval (1927/1928/1993)
Alexandru Vitianu (1921)	Otto František Babler/Otta Františka Bablera (1930/1931)
Paul Sterian (1932)	Jiřího Taufera/ J. Taufer (1938)
George Murnu (1937)	Eugen Stoklas/ Eugena Stoklasa (1939)
Ion Luca Caragiale (1937) (1972)	Rudolf Havel/ Rudolfa Havla (1946)
Emil Gulian (1938/1963/1968/1969/1971)	J.B. Čapek /Jana Blahoslava Čapka (1947)
N. Parsenna (1943/2001)	Kamill Resler/Kamilla Reslera (1948)
P. P. Stanesco (1945)	František Nevrla (1956-1957)
Al. T. Stamatiad (1945)	Svatopluka Kadlece/ Svatopluk Kadlec (1964)
Teodor Bosca (1958)	Alois Bejblik/ Aloise Bejblika/
Dan Botta (1963/1968/1969/1971)	Aloys Skoumal (1984/1985)
Mihu Dragomir (1964)	Ivan Slavík/ Ivana Slavíka (1985)
Emil Gulian e Dan Botta (1968)	Miroslav Macek (1992)
Petre Solomon (1970)	Jaroslav Pospíšil (1993)
Mihaela Haseganu (1971)	Martin Pokorný (1997)
? (1973)	Jan Najser (1999)
I.Cassian-Matasaru (1973)	Nataša Černá (2002/2006)
Marcel Breslasu (1973)	Filip Krajník (2004/2006)
Ovidiu Bogdan (1975)	Martin Kozák (2005)
P. P. Stanesco (1975)	Marek Řezanka (2008)/ Václav Z. J Pinkava (2008)
Mircea Ivănescu (1986)	Tomáš Jacko (2008)
Stefan Augustin Doinas (1974/1979/1980/1987)	Jan Jícha/Honza Jícha (2008)
Mihai Ungheanu (2000)	Luboš Skopec (2014)
Liviu Cotrau (1987/2001)	Ivan Petlan (2014)
Mona Mamulea (2001)	Petr Krul (2015)
“Gavran.” Dura Back (1970) em sérvio, Mas que foi feita na Romênia	Traduções Eslovacas (Havran)
Traduções Polonesas (Kruk)	Jany Kantorovej-Bálikovej/Jana

	Kantorová-Báliková (1979/2000/2004/2005/2006)
W. Przyborowski (1869)	Karola Strmeňa/Karol Strmeň: Havran I, II a III (1999/2000/2004)
Zenon Przesmycki (1886)	Valentín Beniak (1999/2000/2004)
L. Okręt (1889)	Jozef Urban (1999/2000/2004)
Barbara Beaupré (1910)	Eva Lukáčová (1999/2000/2004)
Cz. Kozłowski (1915)	Ľubomír Feldek (1999/2000/2004)
Jolanta Kozak (1995/1999)	Otakar Kořínek (2004)
Władysław Jerzy Kasiński (1959)	Marián Šidlík (2004)
W. Kozaczuk (1966)	Vladimír Roy (2004)
Maciej Froński (2007/2011)	
Stanisław Barańczak (2004)	
Gustaw Jokieli (2009)	
Tomasz Beksinski (?)	
Bretão (<i>Bran</i>)	
Pêr Denez (pseudônimo de Pierre Denis) (1948)	
Corso (<i>U Corbu</i>)	
Matteu Cirenensi (1925)	
Gaélico escocês (<i>Fitheach</i>)	
Seumas MacGaraidh (1940/1941/1949)	

Dos autores. Fonte: com base em informações disponíveis em diversas referências bibliográficas e em outras fontes digitais.